

A Cor do Pastoreio

Essa história não se passa em uma cidadezinha desconhecida, daquelas onde a luz elétrica ainda teima em não alcançar. Também não aconteceu em uma noite de lua cheia, não ocorreu com algum amigo de um amigo meu, e nem se deu em uma época muito, muito distante.

Não, essa história aconteceu no ano de 2014 na cidade de Teresina, capital do Piauí. Em sintonia com uma catarse de intolerância coletiva que se espalhou pelo país, um grupo de pretensos “cidadãos de bem” compartilhou na rede, com suporte da fanpage “Apoio Policial” um vídeo de um ato que não pode ser descrito de outra forma que não pura desumanidade¹.

Nele, um homem com as mãos e os pés amarrados, já com o rosto e os olhos inchados de tanto apanhar, é deixado sobre um formigueiro. Ele grita, diz que as picadas queimam, implora pela misericórdia divina. Os justiceiros não mostram piedade alguma. “Agora você lembra de Deus? E na hora de roubar?”, respondem as vozes fora do enquadramento da câmera.

O vídeo encerra deixando em aberto o destino do homem. Não sabemos por quanto tempo mais a atrocidade durou, e nem se o ladrão - que se tornou vítima - chegou a ser preso pelas autoridades competentes. Apesar da OAB local ter se manifestado contra o acontecimento, nenhuma nova notícia sobre o caso foi mencionada. A tortura e a humilhação pública, violência muito maior do que a cometida por qualquer ladrão de galinhas, permanece impune perante a justiça e os olhos de quem condena.

Ao direcionar o olhar sobre o universo folclórico brasileiro, é impossível não traçar um paralelo entre este acontecimento e uma lenda muito conhecida no Sul do País: a do Negrinho do Pastoreio. A história fala de um menino sem nome, filho de

¹ G1. **No PI, suspeito é torturado, jogado em formigueiro e OAB leva caso ao MP.** Piauí: [G1 - TV Clube](#), 2014.

escravos, que é espancado quase até a morte por um estancieiro depois de perder uma tropilha de cavalos do patrão. Desfalecido, despido de força e dignidade, o negrinho é levado a mando do homem até a boca de um formigueiro e deixado lá para ser devorado pelos insetos. Para que não lhe reste nem os ossos sobre a terra.

Mais do que uma lenda, o Negrinho do Pastoreio é uma narrativa de dominação, violência e poder que não se limita a questão de classe, mas a questão da raça. Racismo e folclore podem caminhar muito próximos, seja em subtextos de resistência, seja nos de condescendência. Tudo depende do contador e principalmente do intérprete que se debruça sobre as histórias dos chamados “duendes negros”.

Neste programa, vamos dissecar o imaginário popular, refletindo sobre o que ele evoca no simbólico. Assim, veremos que estes mitos e lendas, em última instância, não dizem sobre monstros encantados, mas sobre nós mesmos. Eu sou Andriolli Costa e este é o Popularium.

[No sobe som, tocar esta música até 1'05”](#)

Você ouviu Maria Lúcia Sampaio interpretando Negrinho do Pastoreio, escrita por Barbosa Lessa em 1957. A música nos lembra o desfecho da lenda do pobre escravo: após a morte, acolhido por Nossa Senhora Aparecida, ele se torna um encantado, destinado a ajudar os aflitos a encontrarem seus objetos perdidos. Para pedir sua intercessão, a receita é fácil: basta rezar uma oração e oferecer um toco de vela em sua homenagem.

Vale alertar: Aqueles que compreendem mitos e lendas apenas de uma perspectiva funcionalista não conseguem compreender a dimensão da narrativa. O Negrinho não pode ser visto apenas pelo final da história, ou seja, como um ser que encontra coisas. Sua mensagem está em cada uma das passagens que vivencia.

Esse é o grande problema da interpretação do paulista José A. Teixeira, autor de “Folclore Goiano”, livro publicado em 1940. Teixeira centra seu raciocínio ao propor as lendas como “fósseis das estratificações espirituais das sociedades humanas” (1959, p. 295). Sua análise permitiria penetrar no inconsciente coletivo e decompor os fatores que influenciaram o surgimento das histórias.

Esta premissa está correta, mas quais as conclusões? Teixeira investiga um dos mitos mais famosos de Goiás, o duende Romãozinho, descrito por seus informantes como um menino negro e violento que, apesar de malvado, pode ser convencido a encontrar coisas pela casa. O autor percebe um paralelo com o Saci, capaz de igual convencimento, e com o Negrinho do Pastoreio. Todos estes “duendes negros”, a seu ver, encontrados em potencial. No paralelo entre os três encantados, propõe Teixeira, “aparece-nos fortemente acentuada uma característica da índole do negro: ser serviçal” (1959, p. 295).

A interpretação de Teixeira é fundamentalmente racista. Ela naturaliza um contexto histórico-social e o toma por regra. Na primeira metade do século XX, os negros ocupavam majoritariamente as posições subalternas. Era o lastro ainda muito forte de séculos de escravidão encerrada há menos de uma geração. Ser “serviçal” não faz parte da natureza do negro, é uma condição que o contexto exigia dessa parcela da população. E consequências disso vemos até os dias de hoje.

O estranhamento permanece. Negros e pardos representam 50,7% do povo brasileiro, mas e quantos destes estão em posições de poder²? E mesmo quando atingem posições de destaque, será que são reconhecidos? Basta pensar na quantidade de advogados, palestrantes e pesquisadores de renome barrados e agredidos por segurança ao tentarem entrar em hotéis ou espaços dos quais tinham

² Ver [Negros ocupam só 18% dos cargos de elite, aponta levantamento](#). publicado pela Folha de S. Paulo em 08 jun. 2015.

todo o direito de estar³. Isso sem falar na infinidade de histórias em que negros foram confundidos com [garçons](#), atendentes ou empregadas domésticas.

A função que Teixeira percebe unindo Negrinho do Pastoreio, Romãozinho e Saci é mais do que a de encontrar o que foi perdido. A função é, antes de tudo, a da “obediência”. Eis aí um segundo problema de interpretação: o apontamento ignora a constelação de imagens que forma cada mito. Pouco importa, portanto, se o Saci ajuda a pessoa por que está sendo torturado, ou se o Negrinho manifesta a piedade pelos aflitos. Tudo é solapado pela simplificação preconceituosa da servidão.

A respeito dessa tendência a estabelecer parentescos estruturais entre mitos distintos, Antonio Joaquim de Sousa Carneiro, pai do grande folclorista Edison Carneiro, provoca em seu livro “Os mitos africanos no Brasil”, de 1937: “Nós, os do Norte, rimos sempre dos que metem-se, do alto de seus tamanquinhos, a afirmar a mentira de estar o nosso Folclore eivado de equivalências, semelhanças e igualdades (...) quando a verdade é que, os Folcloristas sempre tiveram preguiça de os distinguir e confrontar os mitos, restabelecendo-os e limitando os característicos e os atributos de cada um”.

Para não incorrer nos mesmos erros apontados acima, vamos investigar um pouco melhor os mitos dos duendes negros, explorando caso a caso as relações entre eles e a mensagem que realmente evocam no imaginário popular.

Romãozinho

Tomemos como ponto de partida o Romãozinho, o mais desconhecido entre os três mitos levantados, cuja área de influência seria principalmente Bahia, Goiás, Maranhão e Minas Gerais. Sua história de origem é basicamente a mesma – mas apenas em Goiás, nas versões recolhidas por Teixeira, ele é descrito como negro.

³ Ver [Neurocientista negro diz ter sido barrado em hotel em SP](#). Publicado pela Folha de S. Paulo em 29 ago. 2015

Dizem que era um menino muito malvado que adorava cometer terríveis diabruras. Tinha prazer em arrancar as pernas das formigas e roubar filhotes de passarinhos nos ninhos, para depois ficar rindo satisfeito com o sofrimento dos insetos e a aflição das aves indefesas. Mas o que lhe dava prazer mesmo era aprontar contra a própria família. Especialmente contra a mãe. A mulher sofria muito com as artimanhas do filho e a brutalidade do marido, que a espancava por qualquer razão. Romãozinho gostava de ver a mãe apanhar, e por isso estava sempre provocando briga entre os pais. (LINS, 1983)

Todo dia, quando a mãe lhe pedia para levar o almoço para o pai, Romãozinho comia escondido metade da matula antes de entregar ao lavrador. Quando o homem reclamava com a esposa, a mulher retrucava e dizia que mandou o suficiente. Pronto. Tudo isso era motivo para aumentar a raiva do homem, coisa que o menino adorava.

Um dia a mãe preparou um frango bem gordo e pediu para Romãozinho levar a marmitta com ele inteirinho para o pai. O menino, lambendo os beiços, encostou em uma árvore e devorou o frango todo. Cinicamente, colocou os ossos de volta na marmitta e a entregou para o pai. Que logo ralhou:

- O que é isso, menino? Aqui só tem os ossos! Sua mãe quer me matar de fome?

O menino respondeu de pronto. Sabia qual havia sido o destino do frango: disse que sua mãe havia dado ele inteiro para um “moço” que frequentava a casa todo dia logo que o pai saía porta a fora. E mais: que os dois morreram de rir colocando os ossos na marmitta só de imaginar a cara que o homem faria.

O pai voltou para casa imediatamente, seguido de perto por Romãozinho saltitando de felicidade pela mentira contada. Porta a dentro, com facão na mão e os olhos cegos de raiva, o homem matou sua própria esposa inocente. Antes de morrer, vendo Romãozinho gargalhar com a tragédia, a mãe entendeu tudo. Em seu último

suspiro, rogou uma praga no menino. Desde então, ele se tornou um encantado e se dedica a cometer maldades por onde quer que passe.

Essa terrível história, cheia de perversidade, possui algumas variações. Em outra versão, colhida por Teixeira, Romãozinho era um menino mal-educado que só sabia cantar coco e participar de desafios nos batuques e pagodes. Um dia, quando a mãe o repreendeu, o garoto deu-lhe “uma surra de sopapos e pontapés”. A mulher então amaldiçoou o “malvado negrinho”, como descreve o autor, que se tornou o duende do mito (p. 290). Em Wilson Lins, Romãozinho estoura depois da praga da mãe, deixando atrás de si “um horrível cheiro de enxofre” (1983). O menino virou “bicho” há mais de 200 anos, escreve o autor, mas sempre mantém a aparência de criança.

“No seu afã de distribuir malefícios”, relata Lins, “Romãozinho sincretiza com o próprio Saci, chegando em muitos casos a usar cachimbo e mascar fumo de corda. Há aparições de Romãozinho que são verdadeiros plágios da Caipora, como as vezes em que ele aparece nos acampamentos, colocando borralho quente nas virilhas dos tropeiros adormecidos” (LINS, 1983, p. 124-125). Todas histórias colhidas por Lins a beira do Rio São Francisco.

Luis da Câmara Cascudo o descreve brevemente como uma “espécie de Saci Pererê” (2012, p. 621) mais malvado, que se diverte ao preparar acidentes humilhantes para viajantes solitários. Esses acidentes, muitas vezes são causados pelo fogo mágico que o duende carrega em algumas versões, efeito do fogo do inferno que o lambeu após a maldição da mãe. O duende perambula, portanto, “apagando e acendendo uma chama azul misteriosa” (2012, p. 621), algo que Cascudo aproxima aos mitos do fogo, como os fogos fátuos, a mãe do ouro e os boitatás.

As maldades realizadas pelo Romãozinho também variam. Das mais inocentes, como jogar pedras no telhado, levantar a saia das moças e beber toda a cachaça das festas, até as mais graves. Em seus estudos sobre o São Francisco, Wilson

Lins, conheceu um casal de roceiros que teve que se mudar de uma casa que estava assombrada pelo duende. Quando Romãozinho chegava, sem que ninguém o acionasse, o chicote se desprendia do prego e sozinho começava a bater na mulher. “O marido disse que via a hora de sua mulher morrer de tanto apanhar do malvado”, levanta o pesquisador (1983, p. 126). Chicotes, cabos de vassouras, cordas, tudo era utensílio para as surras. Poderia ser o próprio homem que surrava a mulher? É provável. Mas mais uma vez, vemos a agência do mito, ligada sempre ao contexto de violência doméstica, da bebedeira e dos abusos.

Existem maneiras, no entanto, de domar o espírito do duende. Segundo José Teixeira era comum que os moradores oferecessem comida na encruzilhada ao menino para que ele ajudasse a levar recados no ouvido de quem precisa, procurasse objetos perdidos ou cuidasse da casa. Para o pesquisador, o duende “é mais um chocarreiro, um brincalhão de mau gosto, trocista e zombeteiro. Porém serviçal, achador de objetos perdidos e recadeiro. Eis um traço moral importante da índole do negro, que a lenda do Romãozinho cristalizou. Sempre serviçal, lembrando - o "sinhor sim", de pai João sempre pronto, ou de mãe Maria, incansável” (1959).

Ora, Romãozinho não encontra o objeto perdido por que é obediente. Ele o encontra em espelhamento de sua própria narrativa de origem, onde a comida era o pagamento que cobrava para fazer o que a mãe lhe pedia. E encruzilhada, como em todas as mitologias, é um espaço de escolha de caminhos e Romãozinho ciclicamente escolhe sempre o mesmo caminho desviante. Criatura de aparente inocência que se aprazia com o sofrimento de animais, que instigava brigas dentro de casa, que gargalhou com a morte da mãe; Romãozinho é um mito da violência. Mas não a violência bruta como a do Ipupiara do episódio anterior, afinal não é Romãozinho que mata sua mãe. É uma violência psicológica, que não se alardeia. Seus espaços são a intimidade do lar, a proximidade da família. Não é, portanto, um mito da servidão.

Raciocínio semelhante pode ser traçado sobre o mito do Saci. Teremos ainda um programa totalmente dedicado ao negrinho de uma perna só, mas já abordamos em um episódio do Mundo Freak sobre como o Saci é um mito da liberdade, não da servidão. De qualquer maneira, Existem dois modos de fazer com que um saci devolva ou encontre um objeto perdido. O primeiro, como recolheu Alceu Maynard Junior, é dar três nós em um pedacinho de palha. A cada nó, pede-se que o saci devolva o objeto. Essa simpatia amarra o pênis do saci, que logo fica com vontade de urinar e devolve o objeto perdido (MAYNARD JUNIOR, 1964). A cooperação, no caso, vem fundada na tortura.

Outra maneira é roubando a sua carapuça vermelha e exigindo então o cumprimento de favores. Dizem que a carapuça é a fonte dos poderes mágicos do saci, e ele fará de tudo para tê-la de volta. De onde vem esta carapuça? Folcloristas do mundo todo retomam a origem do acessório ao barrete frígio, oferecido aos escravos romanos que conseguiam sua emancipação nos tempos antigos. O capuz vermelho adentra então o imaginário, espalhando-se por toda a Europa e sendo retomado de tempos em tempos como símbolo de liberdade. Os duendes europeus todos usam carapuça. São afinal seres da natureza, inquietos... livres, portanto. Esta é a fonte do poder mágico do saci: a carapuça da liberdade. A servidão percebida no saci é fruto desta tentativa desesperada do duende negro de recuperar aquilo que o fazia livre.

Não são poucos os folcloristas que apontaram espelhamentos entre os mitos do Saci e do Negrinho do Pastoreio. Olavo Bilac, em 1928, por exemplo, refletia: “em certos pontos do Brasil, o mesmo Saci despoja-se da sua malignidade, perde a cauda retorsa e os chavelhos de diabo, e adquire uma aureola e um par de asas de anjo. Aqui mesmo, em alguns sertões de São Paulo, o Saci é, às vezes, o Negrinho do Pastoreio”. (BILAC, 1928, p. 49, apud TAMBARA, 2005)

Basilio de Magalhães. em O Folclore no Brasil, na mesma época, faz apontamento parecido. "Na terra gaúcha, mais do que alhures, nimbou-se o mito, assim africanizado, com uma auréola de singular religiosidade. Se o saci já não era, no

resto do Brasil, maléfica assombração, mas apenas diabrete brejeiro, no grande estado fronteiriço assumiu o papel de gênio benfazejo" (1928).

Os folcloristas gaúchos, entretanto, sempre rejeitaram esta comparação. Roque Callage, por exemplo, retruca diretamente esta versão: "Ao contrário do que pensa Basilio de Magalhães, a conhecida lenda rio-grandense não tem ligação alguma com o saci brejeiro (...). A única semelhança existente entre um e outro é de serem negros, mas isto não é o bastante para se estabelecer a ligação entre ambos" (CALLAGE, 2003).

Câmara Cascudo chega a fazer um recenseamento desta adesão do Negrinho ao "ciclo do Saci". Entretanto, logo em seguida pontua: "as características do Saci realmente, não se encontram no Negrinho do Pastoreio. Nem os vícios nem as diabruras". Mas se enquanto o Pererê é um mito de Liberdade e Romãozinho um mito da violência, de que fala então o Negrinho?

Antônio Fagundes, em *Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul*, nos ajuda a responder esta questão. Diz ele que o Negrinho do Pastoreio "É a lenda da fraternidade gaúcha, de amor entre as pessoas, a revolta de gente moralmente bem formada contra a brutalidade da escravidão. É também uma prova que a gauchada via com vergonha essa mancha de nossa História: a morte de um inocente negrinho às mãos de um estancieiro louco traumatizou de tal modo o grupo social que o Negrinho do Pastoreio foi envolto em odor de santidade na devoção popular" (FAGUNDES, 2000, 119).

Diferente do que muitos pensam, não foi Apolinário Porto alegre quem primeiro registrou a lenda do Negrinho. Cronologicamente, o ineditismo pertence a Antonio Maria do Amaral Ribeiro que publicou em um jornal em Lisboa, de 1857, o artigo "o crioulo do pastoreio". O texto, repleto de julgamentos elitistas de quem observa a distância os costumes do povo, descreve um momento onde a devoção ao Negrinho já estava estabelecida. Diz ele:

"Há entre a plebe da Província do Rio Grande do Sul uma superstição, que tem tanto de absurda quanto de ridícula e exótica. Amiudadas vezes se vê a deshoras d'uma noite escura, junto do monturo, no canto do cerrado d'um quintal, em lugares pouco freqüentados e destinados a imundícies, um côto de vela de cebo, acceso e fincado no chão. Que significará isto?" (apud TAMBARA, 2005). O autor explica que tratava-se da devoção a um "negrinho crioulo", escravo de um senhor que lhe maltratava. Para apascentar ao homem, o Negrinho a tudo obedecia: comia apenas farinha, e menos do que lhe davam. Nada aplacava a raiva do homem, que por fim o mandou dormir sobre um formigueiro. Não fica claro o processo de encantamento que se segue. Ribeiro, entretanto, debocha deste santo popular "nunca visto". Assim, para acalmar seus senhores, os escravos gaúchos teriam o costume de acender três tocos de vela em homenagem ao "Criollo", uma para cada gado tipo de gado: suíno, bovino e equino.

Discutimos no programa passado sobre a importância de duvidar de certas fontes documentais, especialmente quando elas são frutos de um relato tão irônico e desinteressado. Impossível verificar como era a crença no Negrinho do Pastoreio na época do texto, mas o relato em si é cheio de inconsistências. Em uma época anterior a abolição da escravatura, afinal, deveria ser ultrajante a um erudito ver a devoção a um santo escravo. Afinal, dos santos católicos tradicionais nunca se cobrou a aparição como Antonio Ribeiro exige do encantado.

Em 1897, encontramos outra versão, já mais coerente e condizente com o imaginário do Negrinho que mantemos ainda hoje. Nela é introduzido o tema do suposto erro do menino: a perda de um cavalo. O estancieiro ordena que ele o busque, mas o Negrinho fracassa. Por conta disso, isto é, narrativamente devido a sua própria culpa o estancieiro é levado a surrá-lo brutalmente até a morte. É a causa e a consequência de motivo torpe, a vida do menino valendo menos que a do animal. Seria menos triste se essa fosse uma realidade apenas do século retrasado.

Na manhã seguinte, escreve Varella, o fazendeiro estacou espantado ao ver o Negrinho vivo, sacudindo de cima de si as formigas e a terra de que o tinham

coberto. Os olhos se cruzaram por uns instantes. Logo depois, saltando sobre o cavalo perdido, desapareceu para sempre. “Foi sobre esta tradição que se fundou o culto original do Negrinho do Pastoreio”, relata. “O povo dos campos, quando queria encontrar um objeto perdido, tinha o cuidado de votar-lhe, em qualquer canto, um naco de fumo e um coto de vela aceso – em lembrança dos seus sofrimentos, na noite que precedera o martírio”. (VARELLA, 1897, apud TAMBARA, 2005). A tentativa já não é mais a de apaziguar o patrão, mas de buscar conforto e oferecer piedade ao sofrimento do Negrinho.

A versão mais conhecida, entretanto, foi aquela publicada pela primeira vez por Simões Lopes Neto em 1906. Percebemos no folclorista gaúcho não um mero relato, mas uma criação literária em torno da lenda, plasmando em texto elementos que a circundavam. Nele temos o Negrinho apresentado como um menino sem nome, afilhado de Nossa Senhora Aparecida - que é a madrinha de todos que não tem nenhuma.

O primeiro castigo do menino vem após sua derrota em uma corrida de cavalos que fez o estancieiro sovina perder muito dinheiro. Dinheiro este que o vencedor resolveu distribuir aos pobres. Sem ter culpa nenhuma, afinal foi o cavalo que resolveu estacar do nada, o menino é obrigado a pastorear durante 30 dias sem voltar para a fazenda uma tropilha de tordilhos negros do estancieiro mais o cavalo baio – o favorito do patrão.

Naquela noite, as corujas todas riam e debochavam do Negrinho enquanto ele passava. Cansado, adormeceu. E durante seu sono, um grupo de graxains cortaram a corda que prendia o cavalo baio – que partiu levando a tropilha embora. O filho do estancieiro que estava de olho, ansioso por ver a surra que o negrinho levaria, correu a contar o ocorrido para o pai. O negrinho foi duramente espancado e expulso da fazenda. Só poderia voltar depois que recuperasse o pastoreio.

“Chorando e gemendo, o negrinho pensou em sua madrinha, foi ao oratório da casa, tomou o coto de vela e saiu a campo. Por onde o negrinho ia passando, a vela

benta ia pingando cera benta no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz”, escreve Simões Lopes Neto. E já eram tantas que clareavam a terra. A ponto de os galos cantarem achando que era amanhecer. O negrinho montou o cavalo baio, tocou a tropilha até a coxilha e adormeceu.

Dessa vez nenhuma coruja apareceu para debochar, nenhum graxaim veio cortar as cortas. Quem veio foi um bicho pior do que todos os bichos da noite. Veio o próprio filho do estancieiro, que enxotou os cavalos novamente. Após este segundo “fracasso” do negrinho, o fim havia chegado. O estancieiro mandou lhe amarrarem os pulsos e deu de relho no menino até não poder mais. O negrinho chamou por sua madrinha, deu um suspiro e desfaleceu.

“Para não gastar a enxada em fazer uma cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas lhe devorarem a carne e o sangue e os ossos... E assanou bem as formigas; e quando elas, raivosas, cobriram todo o corpo do Negrinho e começaram a trinca-lo, é que então ele se foi embora, sem olhar para trás”.

Três dias depois, e aí vem a grande redenção, o estancieiro voltou até onde havia deixado o corpo do Negrinho. E viu o menino de pé ao lado do cavalo baio. Ali junto, a tropilha de tordilhos e a frente, a Virgem, Nossa Senhora. O Negrinho tomou-lhe a mão e beijou, pedindo a benção. Risonho, tornou a montar o cavalo baio, deixando o fazendeiro caído de joelhos diante do escravo.

Parte então o Negrinho a ser um encantado. Durante todo o ano, percorre com sua tropilha invisível ajudando aqueles que perderam objetos e coisas de valor. Uma vez ano, entretanto, ele não pode ser visto. Desce ritualisticamente até o formigueiro, onde fica durante três dias seguidos. De lá, parte novamente para ajudar os necessitados.

Como aponta Agemir Bavaresco, há um paralelo óbvio entre a lenda do negrinho do pastoreio e o “texto do Evangelho que narra a paixão, morte e ressurreição de

Jesus” (2000). A questão do mártir é fundamental, mas não precisamos ir tão longe. Os fiéis oferecem ao negrinho uma vela, em espelhamento àquela que ele tomou emprestada do oratório de Nossa Senhora. Quando ele intervém, não é por resquício de servidão, nem como tentativa fracassada de amansar um mestre violento, mas pela piedade que faltou em sua própria história. Negrinho do Pastoreio é, assim, um mito da Esperança. Essa divina esperança que pode até passar três dias embaixo do formigueiro, mas que nunca pode morrer.

A lenda do Negrinho permanece viva e incomodando até os dias de hoje. Em Alegrete, no Rio Grande do Sul, Vasco Prado instalou uma estátua do menino em frente a um famoso Centro de Tradições Gaúchas. A peça mostra um Negrinho magricela sob um gordo e bem tratado cavalo. Uma memória fixa das injustiças que persistem nas relações de classe. Algumas pessoas ameaçaram derrubar a estátua e jogá-la no rio⁴. Certamente aqueles que não foram tocados pela piedade e culpa diante da brutalidade como aponta Antonio Fagundes. Por que essa violência não foi cometida apenas para com um Negrinho. No lendário, o encantado representa todos os que sofreram e sangraram da violência de classes.

Quem seriam os Negrinhos do Pastoreio hoje? Exemplos são cada vez mais frequentes: homens espancados por denúncias enganosas⁵; supostos ladrões acorrentados em postes como escravos fujões⁶; doentes mentais tatuados na testa feito bicho ordinário⁷. Pessoas que tiveram sua humanidade arrancada a ferro e fogo diante de crimes sem julgamento, em um arremedo de justiça tão consistente quanto a da lenda.

Talvez caiba ainda fazer uma outra pergunta. Ao invés de quem são os Negrinhos, quem somos nós nessa narrativa? O Estancieiro, violento? As corujas agourentas,

⁴ Ver [Alegrete preserva patrimônio](#), publicada pelo Ministério Público do RS em 26 jan. 2009

⁵ Ver [Confundido com ladrão, caseiro morre espancado](#). Publicado pelo O Dia em 30 Set. 2010.

⁶ Ver [Homem amarrado em poste após furto em trem já foi espancado outras duas vezes](#), publicado pelo Extra em 12 Abr. 2017

⁷ Ver [Tortura de jovem tatuado na testa foi feita para ser consumida nas redes](#)”, publicada pelo El País em 13 jun. 2017

que a tudo observam em meio a gargalhadas? Os graxains, que fazem o mal sem saber as consequências?

O medo mesmo é que vivamos em um mundo repleto de filhos do estancieiro. Gente para quem o erro é o menos importante, onde se não houver falha, ela será apontada. Não por falsa justiça, não por desforra, mas apenas por ódio. Injustificado e irracional.

Para essas pessoas resta acendermos uma vela. E torço para que o Negrinho do Pastoreio as ajude a encontrar o que perderam: sua própria humanidade.

O **Popularium** é trazido até vocês pelo Mundo Freak e pelos apoiadores que contribuem mensalmente no Apoia-se para um conteúdo de qualidade. Faça parte você também. Acesse mundofreak.com.br. Lá você encontra o roteiro completo do podcast e suas referências bibliográficas. Este episódio foi escrito por mim, Andriolli Costa, o Colecionador de sacis. Acesse coleccionadordesacis.com.br. A edição é de Andrei Fernandes. Até a próxima!

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional. vol 1 - Festas, bailados, mitos e lendas. Edições Melhoramentos. 1964.

BAVARESCO, Agemir. “[O núcleo ético-metafísico do Negrinho do pastoreio de João Simões Lopes Neto](#)”. In: **Razão e Fé**, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 37-49, 2000.

CALLAGE, Roque. As nossas lendas. In: CASCUDO, Luís da Câmara (Orgs.). **Antologia do Folclore Brasileiro** vol. 2. São Paulo: Global, 2003. p. 227-238.

CARNEIRO, Antônio Joaquim de Souza. [Os mitos africanos no Brasil](#): Ciência do Folk-lore. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.

COLUCCIO, Félix. **Cultos y canonizaciones populares de Argentina**. Buenos Aires: Del Sol, 2007.

FAGUNDES, Antonio Augusto. **Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro editor, 2000.

LINS, Wilson. **O médio São Francisco**: uma sociedade de pastores guerreiros. 3 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. 3 ed. Porto Alegre : Globo, 1965.

MAGALHÃES, Basílio. **Folclore no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1928.

TAMBARA, Elomar. **A leitura escolar como construção ideológica**: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906). In: [revista História da Educação](#), v. 9, n. 17, 2005.

TEIXEIRA, José A. **Folclore Goiano: Cancioneiro - Lendas - Superstições**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1959.